

Apresentação

Érica Peçanha do Nascimento¹
Lucía Tennina²

Pensar as relações entre literatura e periferia, no escopo dos estudos literários, implica um debate vasto e controverso. Uma primeira associação dessas duas categorias pode conduzir às produções provenientes das margens urbanas, como se esse “e periferia” pudesse ser substituído de imediato pelo adjetivo “periférica”. As reflexões que se vinculam a esse prisma costumam tomar como contraponto as narrativas ligadas aos discursos hegemônicos (Williams, 1979) e à literatura canônica (Mignolo, 1991), levando-nos a retomar as disputas no campo literário (Bourdieu, 1996) ou, a partir de um ponto de vista latinoamericanista, a repensar a ideia de “cidade letrada” (Rama, 1980). A junção dos dois termos também pode levar a discussões sobre representação, ou sobre como a periferia, os moradores desse tipo de espaço social e os processos sociais que os atingem são tematizados em obras literárias, tal como tem sido delineado em trabalhos como os de Schwarz (1983) e, mais recentemente, de Faria, Penna e Patrocínio (2015). De maneira complementar, literatura e periferia relacionam-se à ideia de perspectiva e, nesse sentido, à noção de representatividade (Dalcastagnè, 2002), entendida principalmente como possibilidade de acesso à palavra por grupos sociais subalternos, bem como a inserção deles como sujeitos do processo simbólico (Bhabha, 1994/2003; Foucault, 1970/1996).

Essa diversidade de associações, que pode continuar se multiplicando, é uma prova da importância do estudo simultâneo dessas acepções. E ao colocar a conjunção coordenada “e” no título, procuramos, justamente, investir na diversidade de abordagens que podem surgir das muitas relações possíveis entre essas duas categorias. O ponto de partida, entretanto, foi o contexto mais recente, em que uma série de autores, coletivos, obras e práticas trouxe à tona novas vozes

¹ Doutora em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: ericapecanha@usp.br

² Doutora em letras e professora da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires, Argentina. Bolsista de pós-doutorado junto ao Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet). E-mail: luciatennina@gmail.com

autorais e desencadeou outras possibilidades discursivas, estéticas e políticas de representação. Tratava-se de um convite para se refletir sobre a literatura contemporânea produzida a partir das franjas urbanas em suas muitas conexões com outros fenômenos históricos, sociais e artísticos. A motivação foi o acúmulo de ficções, relatos biográficos, coleções editoriais, *blogs*, *saraus*, letras de *funk* e *rap* que deram visibilidade a produtores culturais originários das camadas populares e que articulam suas criações estéticas aos territórios periféricos, assim como o número crescente de investimentos acadêmicos que tentam compreendê-los à luz de diferentes perspectivas teóricas.

Algumas reflexões sobre as produções aqui enfocadas já foram abordadas em outros números desta revista, especialmente em seções temáticas que se dedicaram a discutir as relações entre literatura e exclusão (Elbc, 2003a), sujeito e espaço social (Elbc, 2003b), literatura nas margens (Elbc, 2004), narrativas fora do lugar (Elbc, 2007), literatura e pobreza (Elbc, 2013a) e literatura e espaço urbano (Elbc, 2013b). Isso denota a relevância que as estéticas periféricas alcançaram, especialmente a partir dos anos 2000, e sinaliza, simultaneamente, que o debate em torno delas tem como centro o lugar de fala dos autores e suas relações com alguns dos efeitos da urbanização e da desigualdade social brasileira.

Os artigos deste dossiê apontam para uma continuidade dessas discussões, porém é possível notar certa ampliação da agenda de pesquisa acerca de obras e práticas surgidas nas periferias, com as contribuições de estudiosos que passaram a se dedicar ao tema não apenas pelo prisma dos estudos literários mas também com aportes de outros campos do saber, como a história, a antropologia, a sociologia e a filosofia. Para além disso, uma leitura panorâmica dos artigos que integram esta edição revela que as análises aqui apresentadas refletem as mudanças empíricas e de eixos de interpretação sobre fenômenos culturais e literários periféricos: a proeminência de novos escritores; o espriamento de recitais e batalhas poéticas para além da cidade de São Paulo; a visibilidade das mulheres como autoras; a compreensão de trajetórias e obras desvinculadas de classificações êmicas ou externas; as relações com identidades, políticas e culturas negras; bem como com a literatura produzida no cárcere. As perguntas se modificaram e o referencial mobilizado também, inclusive com a utilização de autores recorrentes na teoria literária, o que sinaliza a superação de discursos

iniciais sobre a falta de instrumental teórico adequado para analisar esse tipo de produção.

O conjunto de textos aqui apresentados foi organizado a partir de dois blocos. O primeiro deles está voltado para as reflexões centradas em produções autorais, e o segundo focaliza iniciativas coletivas e produções performáticas que contribuíram para projetar escritores diversos no cenário contemporâneo. Dentro desse esquema, outros sub-blocos foram organizados, considerando as temáticas comuns (negritude, produção feminina, oralidade, identidade) e certa historicidade entre as carreiras e movimentações literárias.

Assim, os três primeiros artigos publicados analisam obras de mulheres negras, problematizando as conexões entre território e outros marcadores sociais da diferença. Gilmar Penteadado abre esta coletânea com o texto “A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe”, que aborda a obra dessa escritora em perspectiva com outros nomes de trajetórias similares, com base no referencial teórico-metodológico de Franco Moretti. Distanciando-se de um ponto de vista singularista, que considera a produção de Carolina de Jesus como uma exceção na história da literatura brasileira, mas sem deixar de analisar as particularidades da sua produção, o artigo evidencia a recorrência de casos de escritores que falam da periferia a partir da periferia. Carolina de Jesus seria, então, nas palavras do autor, o começo de uma “ramificação literária” composta por nomes como Vera Tereza de Jesus, Dora de Oliveira, Anderson Herzer, Ferréz, Paulo Lins, Alessandro Buzo, Jocenir, Luiz Alberto Mendes e Laura Matheus, entre outros.

No rastro da metáfora utilizada por Penteadado, os artigos apresentados em sequência analisam obras e trajetórias de escritores que podem ser compreendidos como galhos dessa árvore nascida com a escritora da favela do Canindé. Em “A periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: questões de gênero, raça e classe”, Rodrigo da Rosa Pereira reflete sobre a construção social da periferia em seis contos publicados em diferentes volumes dos *Cadernos Negros*, levando em conta também que essa série está situada “na periferia da instituição literária”, pelo caráter alternativo frente ao mercado editorial. O autor toma como pressupostos a crescente participação de autoras nessa publicação e as construções narrativas que seguem na contramão de representações das mulheres negras ligadas à objetificação do corpo e da sexualidade, para discutir como a produção de Conceição Evaristo e

a de Esmeralda Ribeiro podem ser compreendidas como uma perspectiva afro-feminina sobre a periferia, por ter como característica estruturante a subjetividade feminina negra tanto em momentos em que o referente espacial é nomeado (favela, subúrbio) quanto em narrativas em que o indicativo são as situações de vulnerabilidade e pobreza que envolvem as personagens.

Sílvia Regina Lorenzo Castro situa a trajetória, atuação e obras de outra escritora negra associada à literatura periférica, no âmbito das discussões teóricas sobre diáspora, pensamento negro feminista e pensamento descolonial latino-americano, em um eixo argumentativo que pensa as conexões das produções das periferias brasileiras com outros movimentos e trajetórias transnacionais. Assim, em “Elizandra Souza: escrita periférica em diálogo transatlântico”, a pesquisadora considera os textos autorais, a participação da referida escritora no movimento *hip-hop*, em antologias coletivas e saraus, bem como sua intervenção em um programa de rádio, como parte de um processo de “reivindicação e afirmação espiralar” em que o impresso, a música e o tecnológico instauram a presença política e cultural periférica e apontam alianças com escritoras da diáspora negra.

Já em “Literatura e direitos humanos na obra de Sacolinha”, Leila Lehnen parte do cenário de mudanças socioeconômicas da última década para refletir sobre a visibilidade alcançada pela chamada classe C no cenário cultural contemporâneo e suas relações com a inclusão desses sujeitos na pólis, entendida como um território político, social e simbólico. Tendo como mote as representações da cotidianidade e da injustiça social no espaço da periferia em duas obras – uma ficcional e outra autobiográfica – do escritor Sacolinha (Ademiro Alves), a autora problematiza o que compreende como “os três objetivos da chamada literatura periférica”: a normalização, a denúncia social e a reivindicação dos direitos humanos para os moradores da periferia.

O segundo bloco de textos do dossiê, ligado às manifestações coletivas e performáticas, é iniciado por “Da margem à multidão: a centralidade e o êxodo dos pobres”. Neste trabalho, Alemar Rena investiga a arena das produções linguísticas articuladas pelos agenciamentos periféricos, pensando-as a partir do conceito de “multidão”, tal como proposto por Hardt e Negri. À luz da teoria desses dois autores, o artigo procura iluminar principalmente a riqueza dos agenciamentos produzidos a partir da precariedade material, tomando

como focos de análise o livro *Capão pecado*, de Ferréz, o movimento #Resistelsidoro (organizado para impedir o despejo de uma ocupação em Belo Horizonte), bem como os saraus da Cooperifa (em São Paulo) e do Vira-Lata (em Belo Horizonte). Para além da dialética periferia-classe média (ou periferia-centro), o autor reflete sobre as redes de afeto, de sentido e de resistência incitadas pela multidão periférica.

“Poesia ao vivo: implicações políticas e estéticas da cena literária nas quebradas de São Paulo”, de Carlos Cortez Minchillo, apresenta uma análise sobre os saraus e os *slams* paulistanos, sublinhando a literatura produzida nesses espaços como um “rolê” e fazendo um paralelo com os “rolezinhos” organizados por jovens periféricos nos *shoppings centers* das áreas centrais. Nesse sentido, além de explorar a diferença entre saraus e *slams*, o autor investe no argumento de que a “literatura das quebradas” é ostentada tanto nos próprios textos dos escritores periféricos quanto nos recitais e batalhas poéticas, a partir de um *corpus* que considera escritores que já se tornaram referência e também outros e outras que foram pouco abordados em trabalhos acadêmicos (como Daniel Minchoni, Claudia Canto, Mariana Felix, Akins Kintê, Dugueto Shabazz, Bryan Rodriguez).

Numa produção coletiva, que envolveu uma das fundadoras do sarau enfocado no artigo, “Sopapo Poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil” problematiza as relações entre um recital organizado na cidade de Porto Alegre, os saraus periféricos paulistanos e a tradição da poesia negra brasileira, bem como a atuação do movimento negro gaúcho. Sendo assim, os autores Pâmela Amaro Fontoura, Julio Souto Salom e Ana Lúcia Liberato Tettamanzy descrevem a dinâmica de funcionamento do sarau e analisam alguns dos textos nele performatizados, colocando-os também em diálogo com discussões sobre política cultural e identidades diaspóricas.

Ampliando o foco sobre os encontros literários nas ruas das cidades, em “Resistência e empoderamento na literatura urbana carioca”, Rôssi Alves se debruça sobre as rodas culturais realizadas no Rio de Janeiro. Partindo da descrição do funcionamento e da análise dos textos literários declamados, a autora reflete sobre essas manifestações orais nos espaços públicos em suas conexões e tensões com políticas de segurança e de cultura. O “público”, então, acaba sendo uma categoria central, entendida tanto em relação àqueles que ouvem as *performances*

(seguindo o referencial de Paul Zumthor) como em relação às instituições estaduais.

Maria Aparecida Silva Ribeiro participa com o artigo “Subversões do lírico no contexto prisional feminino do estado de Sergipe”, no qual discute a dicção de mulheres internas a partir de relatos, poemas e cartas produzidas pelo estímulo de projetos socioculturais em prisões. Apoiando-se fortemente nas contribuições de Foucault sobre o cárcere e sobre regimes de práticas discursivas, a autora encerra este dossiê com um trabalho que se baseia em outro conjunto de vozes marginalizadas, suas potencialidades e estéticas quando se apropriam do gênero lírico.

Com este dossiê, esperamos contribuir para a consolidação da agenda de pesquisa em torno das produções periféricas tendo em vista que as variadas narrativas, obras, *performances*, trajetórias, territórios, referencial teórico e métodos que serviram como aportes para os artigos aqui publicados reforçam a contundência e a produtividade da junção dos temas literatura e periferia para os estudos da literatura brasileira contemporânea.

Referências

BHABHA, Homi K. (1994/2003). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

BOURDIEU, Pierre (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2. ed. São Paulo, Cia das Letras.

DALCASTAGNÈ, Regina (2002). Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 33-75.

FARIA, Alexandre; PENNA, João Camillo; PATROCÍNIO, Paulo Roberto T. (Org.) (2015). *Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

FOUCAULT, Michel (1970/1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.

ELBC - ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2003a). Brasília: Gelbc, n. 21, Dossiê Literatura e Exclusão, jan./jun.

ELBC - ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2003b). Brasília: Gelbc, n. 22, Dossiê Sujeito e Espaço Social, jul./dez.

ELBC - ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2004). Brasília: Gelbc, n. 24, Dossiê Literatura nas Margens, jul./dez.

ELBC - ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2007). Brasília: Gelbc, n. 30, Dossiê Fora do Lugar, jan./jun.

ELBC - ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2013a). Brasília: Gelbc, n. 41, Dossiê Literatura e Pobreza, jan./jun.

ELBC - ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2013b). Brasília: Gelbc, n. 42, Dossiê Literatura e Espaço Urbano, jul./dez.

MIGNOLO, Walter (1998). Los cánones y (más allá de) las fronteras culturales (o ¿de quién es el canon del que hablamos?). In: MIGNOLO, Walter. *El canon literario*. Madrid: Arco-Libros, p. 237-270.

RAMA, Ángel (1980/1998). *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca.

SCHWARZ, Roberto (Org.) (1983). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense.

WILLIAMS, Raymond (1979). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.